

TENSÕES NO CONTO AFRICANO “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”, DE ONDJAKI

Josinaldo Pereira de Paula (UERN)
jnaldo@r7.com

José Adalberto Silva Pereira (UERN)
Joseadalberto22@hotmail.com

Resumo: O artigo objetiva analisar como os conceitos do teórico Júlio Cortázar são apresentados neste conto. Uma perspectiva estudada pelo teórico é a tensão apresentada na história narrada. O conceito de tensão é a forma como o escritor retrata situações simples do cotidiano, mas escreve de uma forma que prende a alma do leitor e o faz refletir sobre a vida. O conto, em sua unidade dramática (GOTLIB, 1985; CORTÁZAR, 1974), retrata um momento que uma turma de oitavo ano irá ler um conto chamado “Nós Matamos o Cão Tinhoso” na aula de português. Assim, analisaremos como essas tensões são expostas nesta obra. Verificamos que o autor escreve de forma brilhante, levando o leitor a duas dimensões neste texto e sentindo as tensões estudadas por Cortázar em dose dupla. Concluimos que contistas contemporâneos inovam, aflorando mais os sentimentos do leitor e deixando-o cada vez mais apaixonado pela leitura.

Palavras-Chave: Conto; Tensões; Júlio Cortázar,

INTRODUÇÃO

A narrativa curta tem sido muito valorizada e lida pela sociedade contemporânea. Alguns fatores têm influenciado os modernos leitores a buscarem esses textos curtos para fazerem parte do seu acervo literário. Fatores como a falta de tempo do homem moderno, pois estamos vivendo um período em que o homem se dedica cada vez mais a busca por sua acessão social, e rapidez diante dos acontecimentos que a todos rodeiam. Assim, suas leituras são apenas as obrigatórias, e com pouco tempo para se dedicar e debruçar na leitura de um longo romance. Dessa forma, para não deixar de lado o prazer de ler textos literários, este homem do século XXI está optando cada vez mais pela narrativa curta, pois elas podem ser lidas de uma única vez e, dependendo do contista, ter efeitos surpreendentes sobre o leitor.

O conto como uma narrativa curta tem como função principal sequestrar o leitor com uma tensão que dura do início ao fim. Nesta perspectiva, observaremos como os conceitos do teórico Júlio Cortázar ocorrem de uma forma dupla no conto africano “Nós Choramos Pelo Cão Tinhoso” de Ondjaki. O autor faz uso dos conceitos do teórico de uma forma diferente, pois ele faz sua narrativa ter duas dimensões e nessas duas, ele faz o leitor sentir esta tensão nos seus sentimentos. Como embasamento teórico, além das

pontuações gerais sobre o conto, de Cortázar (1974), recorreremos ainda a Gotlib (1985) e ao fazer literário em Onjaki (2007). Dividido em três partes, na primeira temos um tópico que discute sobre o gênero conto; em seguida temos a nossa análise do conto e, por fim, terminamos com as considerações que retomam as discussões e apontam algumas conclusões sobre a análise.

O GÊNERO CONTO

O conto é uma das narrativas mais antigas, nascidas mesmo antes da criação da escrita, passada de geração para geração através da tradição oral. Elas eram contadas no intuito apenas de entretenimento e se constituíam de relatos que não tinham compromisso com a verdade. Podiam ser fabulas fantástica, histórias de amor e acontecimentos do cotidiano, que prendessem a atenção do interlocutor. Segundo GOTLIB (1985), esse gênero foi-se desenvolvendo até que assumiu a sua forma escrita e com o passar do tempo foram surgindo os escritores de contos. Assim o contador que apenas narrava histórias e acontecimentos, passou a ter a função de contador-criador-escritor, pois ele não só contava as histórias existentes, mas criava novas fábulas e as passavam para o papel, dando então um caráter literário ao conto.

Tanto o conto oral como o escrito é marcado por detalhes do contador, como gestos, insinuações, em geral o modo de contar sempre tem influências preciosas no conto. Alguns desses aspectos também podem ser passados para o papel através da pontuação e expressões que são reproduzidas na escrita.

Na criação do conto alguns aspectos devem ser considerados. Esses decidirão o sucesso ou o fracasso do conto. Um dos grandes pioneiros que tentou teorizar esses aspectos do conto foi o escritor americano Edgar Allan Poe, pois “[...] a teoria de Poe sobre o conto recai no princípio de uma relação: entre a *extensão* do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou *efeito* que a leitura lhe causa [...]” GOTLIB (1985, p. 32). Ele afirma que o conto deve ser uma leitura curta que pode ser feita de uma única vez, e para que isso aconteça o contista tem o desafio de prender o leitor durante a leitura. O autor coloca que o conto deve ter um efeito único no leitor, algo que desde as primeiras linhas prenda a atenção do leitor a querer saber o final do conto, e que todas as colocações, descrições e acontecimentos devem contribuir para esse efeito de sentido único. Assim o conto não deve ser nem extenso demais nem breve demais para que não se torne impossível construir a unidade de efeito único. Em textos longos

como ocorre no Romance, não são feitos para serem lidos em uma *assentada só e a pausa da leitura faz com que o interesse pela trama diminua, sendo essas interrupções seja o suficiente para destruir a verdadeira unidade, que é a de surpreender o leitor.*

Poe afirma que no conto a verdadeira unidade é preservada, pois o contista consegue realizar seu intento, em uma hora de leitura, onde a alma do leitor fica sobre o controle do escritor.

Para Cortázar ocorre um mal entendido nas colocações do teórico, pois o conto não pode ficar preso a regras de construções. CORTÁZAR (1974, p. 151) apresenta uma distinção entre o conto e o romance, o conto é comparado a uma fotografia e o Romance a um filme. O conto é tratado como fotografia, por capturar uma situação do cotidiano, num pequeno espaço de tempo, uma ação, com poucas unidades dramáticas. Podendo assim ser relatado em um conto até mesmo uma expressão de sentimentos da alma, esses sentimentos podem ser um sorriso, um momento de tristeza etc. O Romance, como no filme, por ser apresentado em um espaço de tempo mais amplo, com várias unidades dramáticas e conflitos tornando-se uma leitura mais longa. Ele ainda compara o contista com um bom boxeador e diz que o romance ganha por pontos diferente do conto que ganha por *knock-out*.

Na escrita do conto segundo CORTÁZAR (1974), o que difere o bom do mau contista é aquele faz seu conto ir além de um relato miserável do cotidiano, pois ele consegue fazer sua narrativa ser revestida de todo um significado que ocorre uma explosão espiritual fazendo o ser humano viver e sentir as situações descritas no papel.

Assim, nesta perspectiva iremos analisar o conto africano “Nós choramos pelo cão tihoso” de Ondjaki, apresentando como o autor usa esses conceitos do Teórico Júlio Cortázar de uma forma dupla, pois veremos que um relato sem muito valor do cotidiano aflora os sentimentos do leitor em duas dimensões, a primeira na narrativa em si e segunda na narrativa que está sendo lida dentro deste conto.

AMBIGUIDADES E SENTIMENTOS NO CONTO “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”, DE ONDJAKI

O poeta africano Ndalú de Almeida, mais conhecido por Ondjaki, nasceu em Luanda, capital do País Angola no ano de 1977. A sua vida artística, além de escrever poemas e contos, no qual afirma se sentir em casa, ele ainda se dedica às artes plásticas, ao cinema e ao teatro. O escritor faz parte da União dos Escritores Angolanos, e é vencedor de vários prêmios importantes por todo o mundo e também no Brasil.

O jovem escritor segue trilhando um caminho produtivo para a cultura mundial e vive hoje na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Dessa forma, sabendo que ele é um escritor de conto de mão cheia e que visa na sua escrita apenas o prazer no leitor dos seus contos, é que, a seguir analisaremos o conto intitulado “Nós Choramos Pelo Cão Tinhoso” integrante da obra “Contos africanos” publicada no ano de 2007.

O conto é em primeira pessoa e trata de uma turma do oitavo ano que, na aula de Português, iria fazer a leitura do conto “Nós matamos o cão tihoso”. O nosso personagem principal e também narrador, é o Jacó, aluno dessa turma. Parecia ser uma tarefa simples, se Jacó não conhecesse o que iria passar, pois ele já conhecia a narrativa que a professora estava pedindo para eles lerem, porque há dois anos ele tinha lido este mesmo conto. Ele já tinha sofrido uma vez lendo aquele texto, mas era inevitável; ele teria que passar por aquilo de novo, teria de lembrar a morte do cãozinho tihoso.

Esse texto é significativo para uma análise à luz dos conceitos de Júlio Cortázar sobre os aspectos da teoria do conto, pois o teórico do conto tentando teorizá-lo em uma perspectiva de dar significado ao que se está escrevendo, afirma CORTÁZAR (1974): “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Sabendo que a maioria das narrativas curtas são acontecimentos do cotidiano, e muitas vezes, esses ocorridos são um pouco insignificante, por exemplo, Clarice Lispector escreve no conto “Amor” sobre um relance de vista que a personagem Ana teve de um mendigo na rua, e assim, o desenrolar da estória nos faz explodir de sentimentos, de uma energia espiritual, como afirma Cortázar. O retratar de uma coisa tão insignificante e fazer este relato de uma maneira que nos faça sentir diversas emoções é o que torna um conto significativo.

No conto “nós choramos pelo cão tihoso” é apenas um relato do cotidiano, no entanto, este relato tem uma característica especial, pois ele nos leva a duas dimensões de sentimentos. Não é apenas um conto que seja significante, ele vai além; a afirmação de Júlio Cortázar é percebida de uma forma dupla. Sentimos angústia por Jacó ter de ler aquele texto novamente e, quando ele começa a tratar o que acontece naquela narrativa com o cãozinho tihoso, também ocorre uma explosão de sentimentos dentro do leitor, ele sente pena do cão e raiva daqueles que o matam.

No momento de fazer a leitura do conto “Nós Matamos o Cão Tihoso” Jacó começa a se preocupar em ter que reviver todo aquele momento de novo. “Nunca me esqueci disso: um cão com feridas penduradas. Os olhos do chão. Os olhos de Isaura. E

agora de repente me aparece tudo ali de novo. Fiquei atrapalhado” (ONDJAKI, 2007, p.98). Começa-se aqui a primeira dimensão de sentimentos passados pelo conto, pois o leitor inevitavelmente fica apreensivo sobre a possibilidade de o personagem Jacó ter de ler sobre o cãozinho tihoso mais uma vez. Ver aquele cão morrer de novo era algo muito ruim para Jacó.

Na citação a seguir entendemos a que trata o conto que o personagem Jacó irá ler na aula de português:

Tinham dado ordem num grupo de miúdos para bondar o Cão Tihoso. Os miúdos tinham ficado contentes com essa ordem assim muito adulta, só uma menina chamada Isaura afinal queria dar proteção ao cão. O cão se chamava Tihoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isto, mas eu gosto do Cão Tihoso.” (ONDJAKI, 2007, p.99).

È a partir deste trecho que uma segunda dimensão significativa do conto começa a aflorar dentro do leitor, pois o leitor fica desorientado com a maldade que aqueles meninos irão fazer com o cachorro. O leitor também sente uma espécie de ira por saber que naquela narrativa os meninos se animam com a ideia de matar o cão tihoso. Observe que o leitor está tendo seus sentimentos sendo despertados por causa de uma narrativa que está dentro de outra narrativa. Assim, começamos ver a dupla aplicabilidade do conceito de Júlio Cortázar neste conto.

A narrativa continua com o dilema de Jacó em ser obrigado a ler o texto. E, a cada vez que a narrativa prossegue o leitor vai ficando mais angustiado, seus sentimentos são desorientados. Assim, podemos observar o quanto a arte de escrever com significância um conto pode furar o leitor, e levar ele a meditar e se angustiar. Um bom conto segundo Cortázar (1974) é aquele que gera esta tensão no leitor. Ele também teoriza o conto ruim quando diz:

Um conto é ruim quando é escrito sem essa tensão que se deve manifestar desde as primeiras palavras ou desde as primeiras cenas. E assim podemos adiantar já que as noções de significação, de intensidade e de tensão, hão de nos permitir, como se verá, aproximarmo-nos melhor da própria estrutura do conto. (CORTÁZAR, 1974, p.152)

Então, podemos afirmar tendo como base a citação acima que estamos diante de um conto de significação e de qualidade. Podemos afirmar que este conto vai além, pois esta tensão no leitor é sentida em duas dimensões da narrativa.

Um dos momentos em que podemos considerar o ápice desta dupla dimensão de tensão passada pela narrativa, pode ser observada na passagem a seguir:

Não quero dar essa responsabilidade na camarada da professora de português, mas foi isso que pensei na minha cabeça cheia de pensamentos tristes: se essa professora nos mandar ler este texto outra vez, a Isaura vai chorar bué, o Cão tihoso vai sofrer mais outra vez e vão rebolar no chão a rir do Ginho que tem medo de disparar por causa dos olhos do Cão Tihoso. (ONDJAKI, 2007, p.100).

Lendo este trecho somos capturados por ele, pois dentro do leitor ocorrem vários tipos de sentimentos, nas duas dimensões da narrativa. Lemos que Jacó está cheio de pensamentos tristes e angustia pela expectativa de ocorrer mais vez o que aconteceu quando este texto foi lido há dois anos. Neste mesmo trecho do conto, vemos o quanto o cãozinho sofre nesta narrativa que é lida na aula de português. Quando o texto coloca: o cão vai sofrer mais uma vez e irão rir do menino que não tem coragem de atirar devido o olhar do cão, percebemos que o cãozinho estava com um olhar triste, cheio de feridas e sendo massacrado. O marcante neste trecho é que são relatos de uma narrativa dentro de outra narrativa, então percebemos mais uma vez a dupla tensão neste conto.

Todos os que estavam na sala não queria admitir que sentisse pena e até vontade de chorar por causa do Cão Tihoso, pois eles eram alunos da oitava série, e o aluno chamado Olavo ao ver que algumas meninas na sala começaram a ficar de olhos molhados durante a leitura diz: “quem chorar é maricas então” (ONDJAKI, 2007, p.102). . Assim Jacó afirma: “Ninguém admitia isso, eu sei, ninguém nunca disse, mas bastava está atento à voz de quem lia e aos olhos de quem escutava” (ONDJAKI, 2007, p.100). Então na leitura desta obra vivenciamos também esta angústia em saber que os sentimentos dos alunos estavam contidos, e não podiam ser expressos. Este fator deixava a leitura mais angustiante para os alunos desta turma e também para o leitor da obra.

No final deste conto podemos presenciar as duas dimensões se cruzarem mais uma vez, ao ponto de pensarmos ser só uma. Isto ocorre quando os olhares dos personagens da narrativa “Nós Choramos Pelo Cão Tihoso” se cruzam com os personagens que estão na narrativa que está sendo lida com o título “Nós Matamos o Cão Tihoso”. Vejamos o trecho.

Os olhos do Ginho. Os olhos da Isaura. A mira da pressão de ar nos olhos do Cão Tihoso com as feridas penduradas. Os olhos do Olavo. Os olhos da camarada professora nos meus olhos. Os meus olhos nos olhos da Isaura nos olhos do Cão Tihoso. (ONDJAKI, 2007, p.103).

É interessante imaginar esses olhares se cruzando, como se estivessem frente a frente, mas na verdade esses olhares são de personagens de um conto que retrata outra

narrativa. O que nos leva a estas dimensões é maestria com que o autor prende a atenção do leitor até o fim do conto. Ele usa do artifício de gerar um duplo sentimento no leitor do começo ao fim, como Cortázar (1974, p.157) afirma:

o único modo de se poder conseguir esse seqüestro momentâneo do leitor é mediante um estilo baseado na intensidade e na tensão, um estilo no qual os elementos formais e expressivos se ajustem, sem a menor concessão, à índole do tema, lhe dêem a forma visual a auditiva mais penetrante e original, o tornem único, inesquecível, o fixem para sempre no seu tempo, no seu ambiente e no seu sentido primordial

O leitor deste conto se sente sequestrado e não consegue parar de ler sem antes saber o desfecho das duas dimensões desta narrativa. Jacó irá conseguir ler o texto? O Cão Tinhoso irá escapar? Jacó lê o texto e sente seu olhar se cruzar com o daquele cão. Um grande silêncio ocorre na sala de aula, todos tristes pelo cão, e o livro é fechado. Então Jacó diz que foi ver as nuvens e disfarçar o choro, pois: “Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes” (ONDJAKI, Ano, p.103).

Vemos neste conto a maestria com que o autor usa os conceitos de Júlio Cortázar nesta obra de uma forma dupla. Uma narrativa dentro de outra narrativa, que nos desperta sentimentos, tensão e nos captura para a leitura na íntegra da obra. Os sentimentos que afloram no leitor nesta leitura são vários, poderíamos citar o sentimento de pena pelo Cão Tinhoso o de angústia pelos personagens que terão de ler e assim reviver a morte do cãozinho mais uma vez, entre muitos outros, que podem ser encontrados em todo o conto no início no meio e no fim. Eles vão se intercalando provocando essa tensão no leitor que, como afirma Cortázar (2007) vai muito além de uma simples história contada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho apresentamos como o contista africano Ondjaki usa brilhantemente de forma dupla os conceitos apresentados pelo teórico do conto Júlio Cortázar, no conto “Nós Choramos pelo Cão Tinhoso”. Concluímos então que por mais que o tempo passe, esses aspectos ainda são usados brilhantemente no conto. Observamos também que esta nova geração de contistas contemporâneos está indo além, ou seja, seus contos chegam a usar esses conceitos de forma dupla, afluindo muito mais os sentimentos do leitor e deixando-o cada vez mais apaixonado pela leitura.

Assim sabendo da correria que vive o homem contemporâneo, sem muito tempo para se dedicar grandes leituras ficamos felizes em saber que uma nova geração de

contistas está surgindo e que seus contos ultrapassam o simples escrever de um relato do cotidiano, mas sim, que está indo além, fazendo o leitor mergulhar em dimensões cada vez mais paralelas e refletindo muito mais sobre a vida, ou seja, se humanizando.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Júlio. “**alguns aspectos do conto**” In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.147-163.

GOTLIB, Nádía Battela, **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.

ONDJAKI, **Contos africanos**. São Paulo: Ática, 2009.